



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB

ISMÊNIA THEREZA SANTOS LEAL

**A FUNCIONALIDADE DOS CLASSIFICADORES (CL) NAS CONTAÇÕES DE
ESTÓRIAS EM LIBRAS**

MONTEIRO – PB

2014

ISMÊNIA THEREZA SANTOS LEAL

**A FUNCIONALIDADE DOS CLASSIFICADORES (CL) NAS CONTAÇÕES DE
ESTÓRIAS EM LIBRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Joelson Pimentel de Almeida

MONTEIRO - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L433f Leal, Ismênia Thereza Santos .

A funcionalidade dos Classificadores (CL) nas contações de estórias em libras [manuscrito] : / Ismênia Thereza Santos Leal. - 2014.

32 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - PARFOR) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. José Joelson Pimentel de Almeida, Departamento de Matemática".

1. Contação de estórias em LIBRAS. 2. Classificadores (CL). 3. Crianças surdas. I. Título.

21. ed. CDD 371.9

Ismênia Thereza Santos Leal

A FUNCIONALIDADE DOS CLASSIFICADORES (CL) NAS CONTAÇÕES DE ESTÓRIAS EM LIBRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

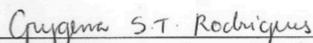
Data da avaliação: 26/07/2014

Nota: 10,0 (dez)

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Joelson Pimentel de Almeida (UEPB)
Orientador



Profa. Má. Grygena dos Santos Targino Rodrigues (UEPB)
Examinadora

Dedico todo esse trabalho, primeiramente, ao Senhor da Sabedoria e da Vida: Deus e a todos que por ideologia lutam pelos direitos garantidos, respeitados e exercidos da pessoa com surdez.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela orientação segura e consciente em toda trajetória desse curso.

A minha amada e conselheira Mãe Iracy Xavier Barbosa por ser sempre parceira e dividir comigo as atividades da vida.

A minha bela irmã Irabella de Fátima dos Santos Leal por estar comigo em “todos os momentos”... Compartilhando-os e fazendo-me sempre mais forte.

Aos meus avôs Amélia e Manoel (*in memoriam*) pelo exemplo de vida e determinação.

Aos meus queridos professores, por tornarem-se amigos atenuando o cansaço e serem movidos pelo sentido de nos tornar cada vez melhores. Em especial, ao meu orientador José Joelson Pimentel de Almeida pela leveza, incentivo e sabedoria ao conduzir-me nesses percursos de conhecimentos e alteridade.

“Nada nesse mundo é nunca mais...”
(Cazuza)

RESUMO

A Literatura Infantil perpassa o imaginário instigando as possibilidades de criação, (re)criação, associação de ideias e saberes nas crianças. Na maioria das vezes está direcionada para as ouvintes; assim a ampliação de sentidos, o fascínio, o concatenar cognitivo fica, de certo modo, limitado às crianças surdas. Foi a partir desse pensamento que procuramos maior profundidade na questão com estudos mais apurados. Mesmo não encontrando contexto adequado (devido à ausência de alunos surdos) nos estágios de observação e intervenção em gestão, Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola da cidade de Monteiro, PB, entendemos que o trabalho em foco é bastante relevante para o processo educativo como um todo. Os Classificadores (CL) são fenômenos linguísticos e representações visuais de objetos e ações de maneira fluente e, quando utilizados adequadamente nas Contações de Estórias, permitem o deleite e apreciação por parte das crianças surdas, criando ambientes imaginários e de desenvolvimento onde o “Era uma vez...” passa a ser solicitado, desejado e (re)significado. Nesse sentido, esse estudo objetiva refletir acerca do modo facilitador das Contações de Estórias no processo cognitivo das crianças surdas e da funcionalidade dos CL nessas contações. Esse estudo tem caráter qualitativo e cunho bibliográfico, analisando especificamente o *corpus* literário *O Patinho Surdo* como ponte reflexiva entre questões de identidade e possíveis intencionalidades de criação. Percebemos com esse trabalho que os CL nas Contações de Estórias são essenciais para a educação, bem como para o desenvolvimento das crianças surdas. As crianças com surdez, assim como toda e qualquer criança, necessitam de uma literatura própria escrita em sua língua materna. É importante que as fronteiras do desconhecimento sejam enfrentadas e que essas contações possam ser ferramentas de aprendizagem na educação de crianças surdas.

Palavras-chave: Contação de estórias em LIBRAS. Classificadores (CL). Crianças surdas.

ABSTRACT

Children's literature pervades the imaginary and instigates the possibility of creation, (re)creation, and association of ideas and knowledge among children. In most cases, children's literature is aimed to listeners; which means that the extension of the senses, the fascination, the cognitive concatenate is, in a certain way, excluding deaf children. These thoughts made me research this area deeper. Even if I didn't find an adequate context (due to the absence of deaf pupils during my trainee periods of observation and intervention in School Management, Early Childhood Education and Fundamental Education I in a school in the town of Monteiro – Paraíba) I understand that the focused work is quite relevant for the educative process as a whole. The Classifiers (CL) are fluent linguistic phenomena and visual representations of objects and actions, and when they are used adequately in the story-telling they permit the delight of appreciation among the deaf children, which creates imaginary environments and the "Once upon a time..." becomes sought, desired and gains a new meaning. In this context, the objective of this study is to reflect on how to facilitate the story-telling in the cognitive process of deaf children and the functionality of the CL in these stories. This qualitative and bibliographic research analyses the literary *corpus* of *The Deaf Little Duck* as a reflective connection between questions of identity and possible intentionalities in the creation. We perceive through this study that the CLs in the story-telling are essential in education and the development of deaf children. They, just as every and any child, need their own, expressive literature in their first language. It is important to combat the frontiers of ignorance and the story-telling can be a learning tool in the education of deaf children.

Keywords: Story-telling in the Brazilian sign language LIBRAS, classifiers (CL), deaf children.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

CL – Classificadores

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

LIBRAS – Linguagem Brasileira de Sinais

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1: AS CONTAÇÕES DE ESTÓRIAS E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS SURDAS	12
1.1 O imaginário da criança surda	14
1.2 As Contações para os surdos como vertente difusora da necessidade humana	15
1.3 As Contações de Estórias como recurso didático para crianças surdas	16
CAPÍTULO 2: A FUNÇÃO DOS CL NAS NARRATIVAS PARA OS SURDOS	18
2.1 Aspectos característicos dos CL	19
2.2 <i>O role-play</i>	20
CAPÍTULO 3: TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA	22
3.1 O conto <i>O Patinho Surdo</i> : Uma análise das possíveis intencionalidades de criação	22
3.2 Uma leitura de <i>O Patinho Surdo</i> por meio dos CL	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXO: <i>O Patinho Surdo</i>	29

INTRODUÇÃO

Antes de apresentar discussões sobre o tema, consideramos necessário situar o uso dos verbos em primeira pessoa do singular quando ratificamos inicialmente a experiência pedagógica e, do plural às demais considerações.

Nessa monografia gostaríamos de vislumbrar o meu percurso pedagógico enquanto professora de sala regular, no qual trabalhei com alunos surdos. Essas considerações servirão para reforçar reflexões acerca do estudo em foco.

Em meados de 2009 tive pela primeira vez contato em sala regular com um aluno surdo. Sentia-me angustiada por conseguir uma comunicação fragmentada e/ou sem ter a plena certeza de que ele havia me compreendido. Por vezes, ele sinalizava que havia entendido só para não me desapontar ou percebia seu olhar perdido como se precisasse se encontrar naquele lugar, naquele grupo sem o conseguir e passava a buscar companhia nos seus cadernos, em desenhos, em livros. Isso me incomodava bastante. Segundo Botelho (1998, p.36), o surdo se ausenta na hora que a disciplina se torna menos acessível devido às frequentes discussões orais, ao contexto reflexivo e à ausência de uma língua que lhe possibilita acompanhar sem problemas e dificuldades. Dessa maneira, resolvi agir. O nada feito poderia representar o nunca mais e como vivemos num processo de constante construção e desconstrução passei a me dedicar a leituras, cursos, estudos e pesquisas na área de surdez. Graças àquele aluno pude (re)descobrir-me enquanto pessoa, enquanto profissional.

Sabendo da real importância da Contação de Estórias para o cognitivo das crianças e percebendo que, na grande maioria das vezes, está direcionada para as ouvintes a ampliação de sentidos, o fascínio podem ficar limitados às crianças surdas se às mesmas não forem oportunizadas a tal vivência. Percebemos também que os Classificadores (CL) são essenciais para a compreensão das narrativas e que facilitam suas identificações de modo que merecem destaque expressivo no ato de contar estórias e no estudo em foco. A figura do intérprete da LIBRAS é muito importante, bem como a do professor comprometido e antenado com a língua, a cultura surda e a convivência na alteridade.

Os estágios de observação e intervenção em Gestão, Educação Infantil e Fundamental I ocorreram na Escola Municipal Tiradentes sediada à Rua Wagner Augusto Bezerra Japiassu, centro, Monteiro – PB. A referida escola foi formada em 21 de Abril de 1994, em caráter solidário com a ajuda da sociedade monteirense, dos policiais militares desta região, das prefeituras municipais de Monteiro - PB, São Sebastião do Umbuzeiro - PB, Camalaú - PB,

São João do Tigre - PB, Prata- PB e Sertânia – PE também do Banco do Brasil, Secretaria de Educação e Obras deste município, EMATER, Rádio Santa Maria, Manoel Ferreira Comércio S.A, da Câmara Municipal de Monteiro – PB e atualmente dispõe de 733 alunos,25 professores,10 funcionários de apoio,01 secretaria,10 salas de aula,05 banheiros,01 laboratório de informática e 01 sala de atendimento educacional especializado. Possui os programas sociais: PDDE, Merenda na escola,Primeiros saberes, Mais educação, Atleta na escola e Saúde na escola.

Não encontramos o contexto adequado ao estudo, devido à ausência de surdos nessa escola, mas entendemos que o trabalho em foco é bastante relevante para o processo educativo como um todo. Nesse sentido, esse estudo objetiva refletir acerca do modo facilitador das Contações de Estórias no processo cognitivo das crianças surdas e da funcionalidade dos CL nessas contações, além de tentar apontar o caráter transformador da Literatura como vertente difusora de necessidade humana e valores; vislumbrar os CL como viés cognitivo; fazer ponte da cultura surda à Literatura Infanto-juvenil e compreender melhor as estratégias educacionais para a Contação de Estórias em LIBRAS.

A sala de aula pode e deve ser o espaço propício para a produção de efeitos de sentido nos seus membros. Esses sentidos são construídos pelas crianças surdas através da Língua de Sinais e essas relações podem ser intensificadas quando o professor intervém trabalhando a Contação de Estórias em LIBRAS como proposta de sentidos, saberes, ideias e interação.

Levantamos algumas questões como hipóteses na feitura desse trabalho, nas quais buscaremos dialogar: Como os CL podem ser ferramentas cognitivas e de assimilação das ideias na Contação de histórias em LIBRAS? Como as contações podem ser recursos didáticos? Quais os possíveis aspectos humanos na narrativa *O Patinho Surdo*? Entre outras.

No anseio por respostas pertinentes nesse trabalho apresentamos três capítulos. O primeiro capítulo “As Contações de Estórias para o desenvolvimento cognitivo da criança surda” vislumbra a real necessidade de proporcionar a Literatura Infantil para crianças surdas em LIBRAS, sua língua materna, como eixo norteador de ampliação cognitiva; o segundo “A função dos CL nas narrativas” por serem elementos eficazes que auxiliam a construção da estrutura sintática da LIBRAS através de recursos corporais que comportam as relações gramaticais bastante abstratas e o terceiro “Tradução Intersemiótica” por fazer referência ao ato de traduzir acerca da interpretação de signos verbais para um sistema de signos não-verbais. Todos têm cunho bibliográfico e a pesquisa apresenta caráter qualitativo, sendo que no terceiro capítulo será analisado o *corpus* literário como ponte reflexiva entre questões de identidade e estrutura da narrativa em LIBRAS.

Entendemos essas construções como um processo educativo que busca costurar práticas, possibilidades, ideais e reflexões.

Para Niendicker e Zych, (2007, p. 10) a educação de um ser humano não deve ater-se apenas a certos meios formais, mas ser vista como um processo de evolução pessoal de alguém que pode fazer sua própria história dentro da sociedade.

Instigar a criança surda através da Contação de Estórias é possibilitá-la e enxergá-la nesse processo de evolução pessoal como ser protagonista de suas ações e vivências mistas.

Percebemos com nossas reflexões que os CL se constituem em fundamentais mecanismos de apropriação de ideias, saberes e experiências. Não pretendemos expor soluções cristalizadas e definitivas, mas possíveis contribuições para os interessados embasadas em estudos e pesquisas numa área que ainda necessita ser mais refletida e discutida por todos. Que outros trabalhos sejam pensados e elaborados ratificando as falas iniciais.

CAPÍTULO 1

AS CONTAÇÕES DE ESTÓRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA SURDA

O contato da criança com a Literatura Infantil desde cedo é importantíssimo e se faz indispensável primeiramente nessa etapa da vida. Segundo Terzi (*apud* KLEIMAN, 1995, p. 132) “a exposição da criança na pré-escola de livros infantis promove uma expansão de conhecimentos sobre histórias, sobre tópicos de histórias, sobre estrutura textual e sobre a escrita”. A Literatura deve ser instigada de modo que se torne prazerosa e permita à criança o desejo de conhecer o seu mundo e outros mundos que vão bem além do seu, atribuindo sentidos e significados nessas representações, desenvolvendo-se enquanto cidadão ativo e atuante em seus contextos e concatenando seus radares de conhecimentos à herança cultural de suas vivências e experiências.

Para Candido (2002), a Literatura exerce três funções no desenvolver da pessoa. A primeira função é a psicológica (desperta no ser o anseio de imaginar); a segunda instiga a ampliação educacional e aspectos de formação humana e a terceira seria a função social que conduz o sujeito à identificação com os lugares experimentados nas contações e/ou leituras literárias. Candido cita essa questão em seu texto *A literatura e a formação do homem*:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...] Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. É um dos meios que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe. (CANDIDO, 2002, p. 83-84)

Vislumbra-se o valor da Literatura na formação humana como um todo. Ela perpassa a imaginação, o lúdico, o real, os contextos, as experiências, o criar. Assim ratifica Iser (1996, p. 259) quando diz que: “o imaginário não é um potencial que ativa a si mesmo, mas uma instância que precisa ser mobilizada pelo externo.”

Da mesma forma que a Literatura instiga possibilidades e potencialidades nas crianças ouvintes, igualmente instiga nas crianças surdas.

As crianças surdas atravessam as mesmas fases no processo de aquisição da leitura e escrita que as crianças ouvintes. Segundo J. SchuylerLong, (*apud* Silva, 2012, p. 1) “A incapacidade de ouvir não tira do surdo a condição de ser pensante, capaz e produtivo. Basta que lhe seja dado oportunidades.” Assim para que a criança surda se desenvolva como a ouvinte é necessário que ela transcorra pelos mesmos caminhos pedagógicos de ensino, aprendizagem e oportunidades nos seus ritmos, na sua língua, com o aporte visual para que não haja prejuízos no seu desenvolvimento.

Existem distintas maneiras de introduzir a Literatura para as crianças surdas, destaco aqui a Contação de Estórias em LIBRAS. Ela é sinalizada. Infelizmente muitas crianças surdas têm pouco contato com essas literaturas, devido à pequena produção das obras nesse formato; aos professores que não as utilizam em suas práticas e/ou aos problemas comunicativos e adaptativos entre pais ouvintes e filhos surdos. Para Silva (2012, p. 6) em seu trabalho *A importância da literatura na formação do imaginário do sujeito surdo*, uma grande parcela das crianças surdas “crescem sem nunca terem visto ou sabido o que de fato é literatura. Chegando ao contexto escolar, como entender a história que o professor conta e reconta aos alunos ouvintes?”.

Nas minhas vivências enquanto professora regular com alunos surdos pude perceber o quanto eles não contavam Estórias, não tinham contato com a Literatura, seus discursos eram reproduções dos discursos dos ouvintes. Isso limitava e muito a aprendizagem desses alunos e me incomodava.

Felizmente essa realidade está mudando. As Estórias Literárias de cunho infantil estão sendo traduzidas para a LIBRAS com tecnologia avançada, já a parte escrita, de produção e reprodução de narrativas é infreqüente. Segundo Sobral (2008), percebemos que, ainda que não exploradas, vemos o aparecimento de uma nova modalidade de língua, bem como de seus formatos expressivos na Literatura - a LIBRAS elencada à Literatura Surda.

(...) vivemos em um momento privilegiado de acompanhamento da evolução de uma língua natural. Defendo a ideia de que esse acompanhamento por estudiosos da linguagem e por tradutores pode nos fazer entender melhor uma concepção dialógica da linguagem – hoje mais do que comprovada, embora ainda muito difícil de aceitar em alguns círculos – segundo a qual é nas instituições de uso, e não nas gramáticas ou dicionários, que a língua se constitui. (SOBRAL, 2008, p. 129).

A Literatura Surda pode ser entendida como a apresentação da língua, da cultura e da identidade surda constantes nas Contações seja em recursos como vídeos ou mesmo impressa em livros, revistas. Para Karnopp:

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como a falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente. (KARNOPP, 2010, p. 161)

Outro destaque relevante são as releituras das obras literárias, nas quais os personagens surdos fazem parte das narrativas como pertencentes de fato a elas. Como podemos ver em *Tibi e Joca*, de Bisol (2001), *O Som do Silêncio*, de Cotes (2004), *A cigarra e as formigas*, de Oliveira; Boldo (2003) e *Cinderela Surda* (2003), *Rapunzel Surda* (2003) e *O Patinho Surdo* (2005), de Rosa e Karnopp que são adaptações dos clássicos da literatura para o público surdo.

1.1 O imaginário da criança surda

Os aspectos referentes ao imaginário da criança surda não diferem do imaginário da criança ouvinte. O que há de distinto são o tempo, a linguagem e o aporte visual que deve ser densamente expressivo através dos CL para não haver prejuízos no processo de ensino e de aprendizagem.

O imaginário é essencial na infância. Ele acopla a cognição, a afetividade e a linguagem. Existem vínculos entre as representações das funções no social, o imaginário e o desenvolver educacional infantil. O ato de imaginar direciona a efetivação dos anseios que não podem ser concretizados e atende a precisão dos meios de interação com contextos e indivíduos fomentando o desenvolvimento infantil. Dessa maneira também as crianças surdas com o suporte da LIBRAS constroem suas representações acerca dos papéis sociais que exercem num construir imaginário que as Contações de Estórias remetem, desenvolvendo assim ainda mais a linguagem e a utilização das representações sociais.

A escola é o lugar onde a troca dos saberes entre os indivíduos deve ser exercida e comprovada, fazendo o viés com o cuidado para que a aprendizagem seja um mérito nem sempre fácil, mas prazeroso. O imaginário das crianças surdas pode ser povoado pelas

Contações de Estórias e tê-las (as Contações) como ferramenta nas mais distintas situações. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2010, p.143):

A literatura de Histórias é o momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo dos valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos de lugares que não o seu. As instituições de educação podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que freqüentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informações e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças.

Assim, podemos perceber o quanto é rico o imaginário tanto da criança surda quanto da ouvinte, sendo necessário oportunizar vivências densas e intencionalizadas direcionadas para os modos, entendimentos e formatos de cada qual, tendo a escola como lugar essencial das interações e saberes.

1.2 As Contações de Estórias para os surdos como vertente difusora da necessidade humana

As Contações de Estória possibilitam a elaboração da consciência de mundo ligada à interpretação da realidade. Os surdos utilizam a visão para obterem informações, conhecimentos acerca dos seus e outros contextos. Quando as mídias entrelaçam-se com as Contações acontece o fortalecimento da identidade, dos saberes e da cultura surda. Para que essa identidade seja exercida em plenitude, faz-se necessária a convivência com seus pares, com elementos de pertencimento da sua cultura em si. Esses elementos devem ser registrados, vivenciados e divulgados para que possam atingir e interagir com o maior número de surdos.

Para Rosa (2006, p.60):

As atividades de ensino de língua são, em geral, repetitivas, cansativas e sem desafios para que ele possa interagir [...]. Por causa dessa lacuna os alunos surdos têm muitas dificuldades para aprender a escrita de português e também não expandem o conhecimento para a comunicação de LIBRAS. Esse cenário mostra-se ainda mais caótico no momento em que presenciamos professores que trabalham com surdos, mas que não se comunicam na LIBRAS. Assim, o aluno não consegue transpor os significados de uma língua para outra. As experiências como contador de histórias mostraram-me que as crianças são naturalmente interessadas no

visual e na LIBRAS. Mostrar que é do livro que saem as histórias legais que os adultos lêem é uma boa forma de apresentar uma relação adequada e coerente com a leitura desde cedo. No momento em que começar o processo de alfabetização, a criança vai querer ler.

É nítido o entendimento de como as crianças surdas têm fascínio pelo visual, uma vez que ele é mais aguçado, devendo também ser mais instigado. Ao relacionarmos a leitura, as imagens, as Contações, os vídeos com os livros estaremos apresentando possibilidades de (re)criação, além de permitir a autonomia dessas crianças no processo de letramento.

Assim, as Contações de Estórias para surdos são verdadeiras vertentes da necessidade humana e como tais devem estar intrinsecamente ligadas às práticas e ideologias do processo educativo e serem efetivadas e significativas.

1.3 As Contações de Estórias como recurso didático para crianças surdas

O uso acentuado do visual intensifica e fortalece os recursos didáticos para as crianças surdas, dessa maneira o desenvolvimento cognitivo é abarcado e as estratégias de ensino eficazes.

As Contações de Estórias permitem o deleite da apreciação por parte das crianças surdas e criam ambientes imaginários onde o “Era uma vez...” passa a ser solicitado, desejado e (re)significado.

Abramovich ratifica esse pensamento quando diz: “Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar: sentado, deitado, enrodilhado, não importa como... cada um a seu gosto... E depois, quando todos estiverem acomodados, aí começa ‘Era uma vez’...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 22).

É preciso criar lugares, oportunizar mesmo o ato de Contação de Estórias como recurso que transcenda práticas fossilizadas, descontextualizadas ou mesmo repetidoras sem o mínimo de prazer, alinhavadas a uma zona de conformo que insiste em nos amarrar, gerando afastamentos velados.

Entendemos que tratamos, de fato, de desafios. A forma literária de trabalhar com a LIBRAS não é fácil. Estamos lidando com uma série de efeitos imaginários e reais que requerem certo embasamento. As Contações são ferramentas e são densamente valorizadas e de suma valia para os estudos e avanços dos alunos com surdez. Assim, Clifford Geertz (2001 *apud* REILY, 2008) infere que:

Crescer entre narrativas [...] é o palco essencial da educação: “vivemos num mar de histórias”. Aprender a nadar nesse mar, a construir histórias, entender histórias, classificar histórias, verificar histórias, perceber o verdadeiro sentido das histórias, usar as histórias para descobrir como funcionam as coisas e o que elas são, é nisso que consiste, no fundo, a escola, e além dela, toda a “cultura da educação”. O x da questão, o que o aprendiz aprende, não importa o que professor ensine, é “que os seres humanos dão sentido ao mundo contando histórias sobre ele – usando o modo narrativo para construir a realidade”. As histórias são ferramentas, “instrumentos da mente em prol da criação do sentido” (2001, p. 171-172).

Esse pensamento clarifica e ratifica fielmente nossos pensamentos e propostas aqui apresentados. Não entendemos as narrativas apenas como recurso didático, mas como a própria construção das realidades que perpassam a vida de todos.

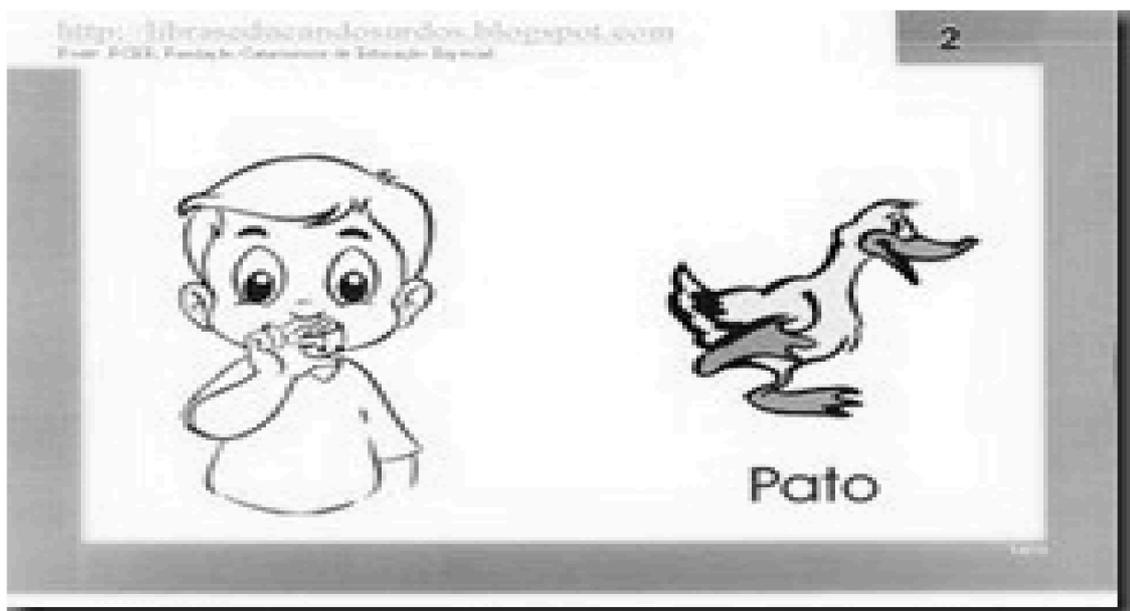
CAPÍTULO 2

A FUNÇÃO DOS CL NAS NARRATIVAS PARA OS SURDOS

Os Classificadores são fenômenos linguísticos. São representações visuais de objetos e ações de maneira fluente, natural e quase transparente, apesar da maioria das vezes apresentarem pontos característicos de arbitrariedade (sinais que não mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam). Eles são considerados marcadores de concordância de gênero para pessoas, animais ou objetos. São essenciais, pois auxiliam a construção da estrutura sintática da LIBRAS por meio dos recursos corporais que permitem as relações gramaticais acentuadamente abstratas.

Os CL são eixos balizadores das Contações de Estórias, uma vez que permitem que as mesmas sejam compreendidas com mais expressividade, criatividade e aproximação do foco intencionalizado. Eles descrevem, indicam a movimentação ou localização do que é narrado facilitando o entendimento nas Contações, além de potencializar o imaginário das crianças surdas e aproximá-las também das realidades instigando suas habilidades.

Figura 1: Exemplo de CL



(FONTE: anacarolinafrank.blogspot.com. Acesso em 18 de jun de 2014)

2.1 Aspectos característicos dos CL

Esses aspectos característicos proporcionam identificação, organização e clareza no uso dos CL. Como apresentado por Vieira (s/d), dispomos no quadro abaixo os tipos de CL.

Quadro 1. Tipos de Classificadores

Tipo	Descrição	Exemplos
CL-D: Classificador Descritivo	Refere-se ao tamanho e forma. Usualmente produzido com ambas as mãos para formas simétricas e assimétricas (não descreve posição ou movimento).	<ul style="list-style-type: none"> - A forma e o desenho de um vaso; - Desenho de um papel de parede; - A altura e largura de uma caixa; - A descrição da roupa ou itens que estão no corpo.
CL-ESP: Classificador que especifica o tamanho e forma de uma parte do corpo	Descreve tamanho, textura e forma do corpo de animais ou pessoas (não descreve posição ou movimento)	<ul style="list-style-type: none"> - As orelhas de um elefante; - Bicos de aves diversas, - Nariz de uma pessoa; - Pêlo de gato; - Penteado de uma pessoa.
CL-PC: Classificador de uma parte do corpo	Retrata uma parte específica do corpo em uma posição determinada ou fazendo uma ação. A configuração da mão retrata a forma de uma parte do corpo (descreve posição ou movimento).	<ul style="list-style-type: none"> - A ação da boca do hipopótamo; - As orelhas de um cavalo em movimento; - Os olhos de alguém em movimento; - A cabeça de alguém repousando no seu ombro; - Ação dos pés andando na lama; - A posição das pernas de alguém sentado em uma cadeira.
CL-L: Classificador Locativo	Descreve um objeto em um lugar determinado. A configuração da mão pode retratar uma parte ou o objeto todo ironicamente.	<ul style="list-style-type: none"> - Uma prateleira onde estão copos ou livros; - Chão onde caiu um lápis; - A cabeça de alguém batida por uma bola; - Alvo onde voa uma flecha; - Gol onde entra uma bola.
CL-I: Classificador Instrumental	Mostra como se usa alguma coisa, ou seja, manipulando um objeto.	<ul style="list-style-type: none"> - Carregando um balde pela alça; - Puxando uma gaveta; -Tocando a campainha da porta;

		<ul style="list-style-type: none"> - Virando uma página; - Limpando com um pano.
CL-C: Classificador do Corpo	É similar ao CL-L, porém não mostra nem a manipulação nem o toque aos objetos.	<ul style="list-style-type: none"> - Acenando com a mão para alguém; - Atravessando os braços com beijos espichados; - Coçando a cabeça com perplexidade; - Movendo os braços como em correr.
CL-P: Classificador Plural	Indica movimento ou posição de um número determinado/indeterminado de objetos, pessoas ou animais.	<ul style="list-style-type: none"> - Três pessoas andando juntas (numero determinado); - Pessoas sentadas na plateia; - Uma fila cumprida de pessoas avançando lentamente; - Muitos carros estacionados na rua.
CL-E: Classificador de Elemento	Descreve o movimento de elementos ou coisas não sólidas.	<ul style="list-style-type: none"> - Água gotejando na torneira; - Luz piscando como sinal de advertência; - O movimento de um líquido num copo; - O vapor subindo de uma xícara de chá quente.
CL-N° e CL-NOME	Esses classificadores utilizam a configuração de letras ou números, mas não são partes de uma descrição.	<ul style="list-style-type: none"> - Números e nome na camisa de futebol; - Um título de um livro; - Insígnia em um boné; - Uma sigla escrita na porta de um banco.

(VIEIRA, s/d, s/p)

2.2 O role-play

Trata-se de um recurso muito utilizado na LIBRAS. Está presente no desenvolvimento das narrativas pelos surdos. Pode ser vislumbrado facilmente quando o sinalizador se coloca

na posição dos personagens citados na Contação e de forma rotativa altera com eles em situações diálogo, CL e/ou ações.

Figura 2: Exemplo de *Role-play*



(FONTE: blogs.estadao.com.br. Acesso em 18 de jun de 2014)

CAPÍTULO 3

TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

As primeiras manifestações sobre a Tradução Intersemiótica (termo definido por Romam Jakobson na década de 50 referenciando o ato de traduzir no tocante à interpretação de signos verbais para um sistema de signos não-verbais) se deram a partir do século XX.

No Brasil, a LIBRAS foi oficializada em 2002, com a lei nº 10.436. Para Sobral (2008, p.128) a LIBRAS “é uma língua natural que contém todos os elementos que caracterizam uma língua, dos processos de aquisição à expressão poética.” Dessa forma, não pode ser confundida ou comparada a gestos casuais ou mesmo a mímicas. Ela é uma língua que:

Usa recursos de expressão simbólica de objetivação e apropriação do mundo pelos seres humanos que não a matéria sonora, e não apenas serve a todas as necessidades expressivas de seus sujeitos como permite todos os processos de subjetivação – cognitivos, sociais, políticos, ideológicos, etc. (SOBRAL, 2008, p.127).

Assim, diante dessas conjecturas e como forma de oportunizar às crianças surdas os clássicos infantis alguns autores começaram os trabalhos com as traduções dessas Contações para a LIBRAS (Tradução Intersemiótica) como também a criarem histórias conhecidas pela comunidade surda e/ou pela ouvinte com viés da diversidade humana e destaque para questões da surdez. Outro formato relevante foi o de adaptar os personagens dos clássicos com personagens surdos: *A Cinderela Surda* (2003), *Rapunzel Surda* (2003) e *O Patinho Surdo* (2005), de Rosa e Karnopp.

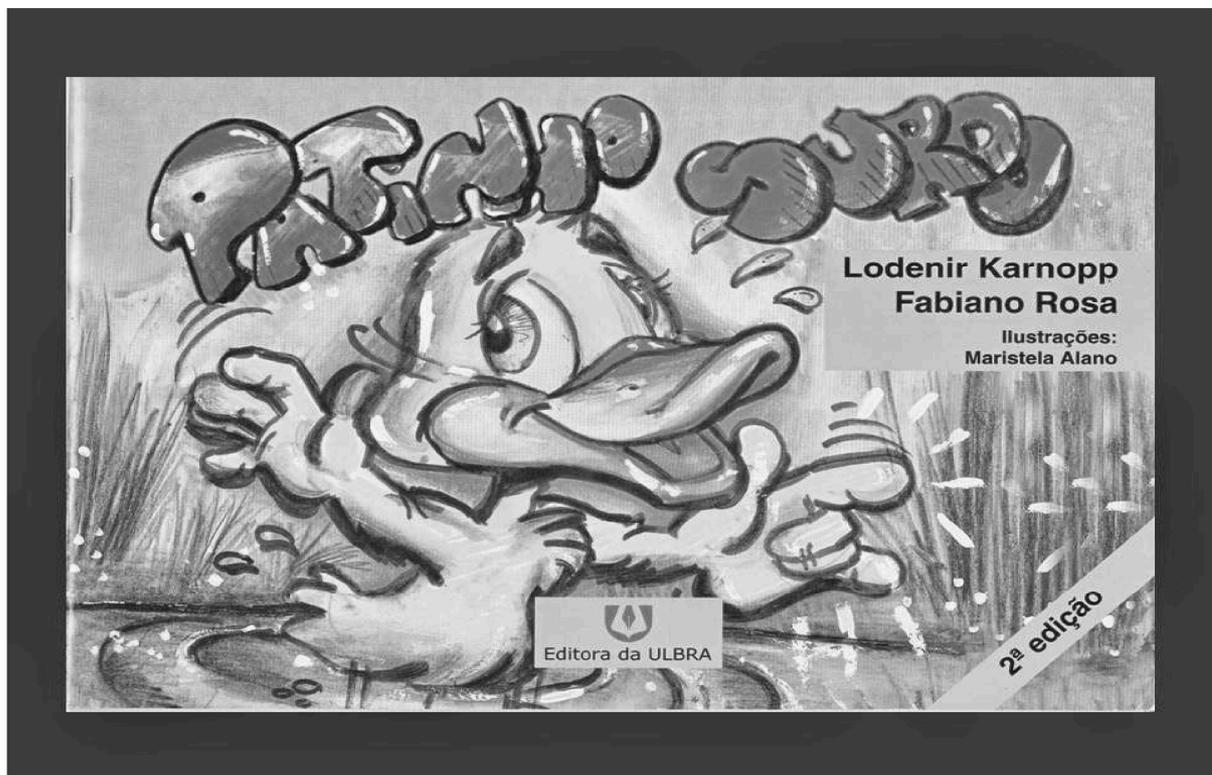
3.1 O Conto *O Patinho Surdo*: Uma análise das possíveis intencionalidades de criação

Inicialmente os contos foram retirados da oralidade e adaptados para as crianças. O escritor dinamarquês Hans Christian Andersen aprendeu a ler muito cedo e tinha fascínio pelas Estórias. Sua infância pobre, deu-lhe a oportunidade de conhecer de perto as necessidades das pessoas e os contrastes sociais, influenciando-lhe bastante nas Estórias que

viria a escrever. Em seus contos, vislumbrava sempre a questão do forte e do fraco, do opressor e do oprimido, do pobre e do rico numa relação em que os direitos humanos deveriam ser respeitados e que somos todos iguais. Uma de suas obras é o conhecido Clássico *O Patinho Feio* que narra a Estória de um patinho que se sente diferente em um grupo e passa por situações-problema até encontrar-se num grupo que é acolhido e familiarizado.

Esse Conto passa por adaptações e aparece com o título: *O Patinho Surdo* que serve como amálgama entre nossos estudos e as possíveis reflexões a tecer.

Figura 3: Capa do livro *O Patinho Surdo*



O Patinho Surdo foi registrado em livro por Fabiano Rosa que é surdo e por Lodenir Karnopp que é uma linguista ouvinte numa perspectiva de:

Não sabemos quem contou esta história pela primeira vez. Ela foi sendo recontada entre os surdos e nós resolvemos registrar e divulgar este belo texto. A maioria das pessoas conhece a clássica história [...]. Nosso objetivo, neste texto é recontar essa história a partir de uma outra cultura, a cultura surda. Assim, esse livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecido também como sign writing. (ROSA e KARNOPP, 2003, p. 5)

A Estória em foco fala de um patinho surdo que nasceu num ninho de ouvintes. Ele passa por problemas de identidade, aceitação, comunicação entre outros se sentido rejeitado. Depois, encontra seus verdadeiros pais que também são surdos, aprende a língua de sinais da lagoa descobrindo suas origens de vida.

É um livro marcado por fortes ideologias e permeia possivelmente as trajetórias de muitos surdos. Aborda questões como: a cultura surda; as diferenças lingüísticas na família e na sociedade; a importância do intérprete na comunicação entre os surdos e ouvintes; a alteridade ao perceber-se no outro e a identidade que é fortalecida e exercida aos pares. Segundo, Coracini (2007, p. 168) “A identidade se constrói no imaginário, nas identificações imaginárias, que podem ou não se transformar em simbólicas, constituindo o Outro do inconsciente, os valores que, sem saber, orientam o indivíduo, suas escolhas, seu rumo”.

É possível que esse conto povoe densamente o imaginário das crianças surdas elencando elementos que as situem em seus contextos, vivências, realidades transformando seus olhares, seus pensamentos, seus conceitos.

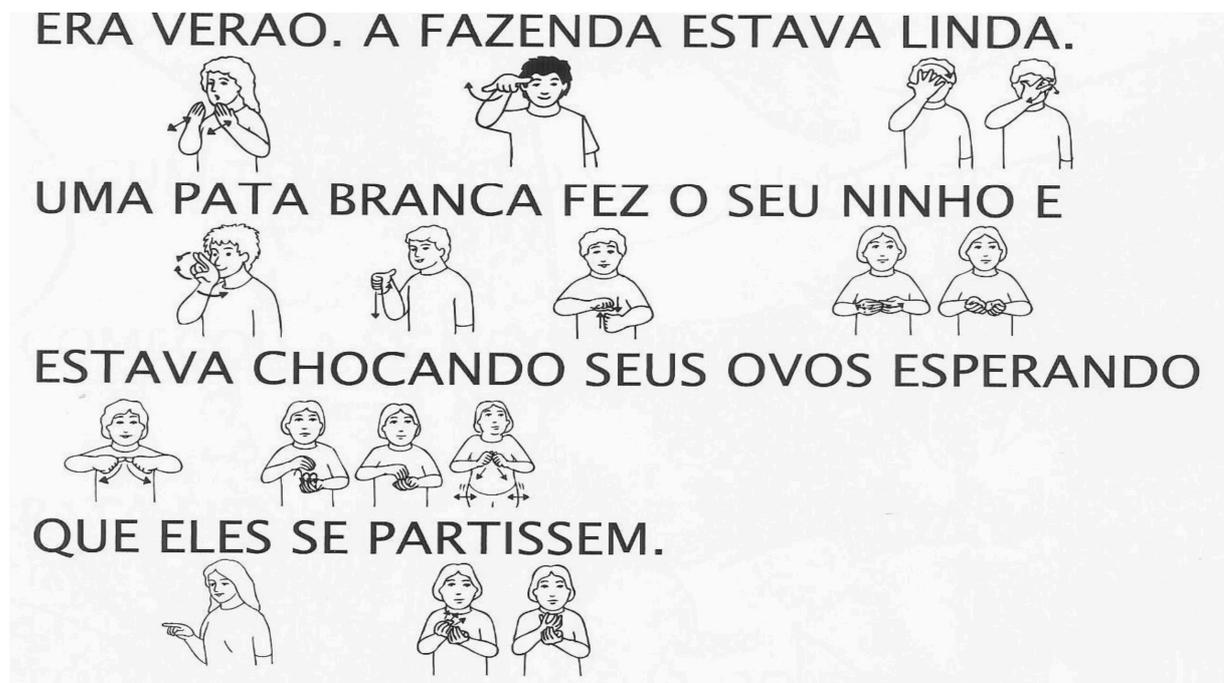
3.2 Uma leitura de *O Patinho Surdo* por meio dos CL

A compreensão do caráter estruturante e facilitador dos CL nas narrativas, pode se dar com maior sentido, eficiência, clareza e segurança se tivermos nossos objetivos intencionalizados bem definidos. Assim, a narrativa *O Patinho Surdo* vem da transformação de um texto original direcionada a ouvintes para possíveis leituras com elementos da cultura surda. Os CL são um desses elementos. Eles permitem que o desnovelar da Contação inspire e instigue as crianças com surdez à construção processual do entendimento ideológico, social e cultural das suas vidas, das suas histórias que possivelmente tomará formato consciente quando essas crianças forem adultas.

A leitura de *O Patinho Surdo* por meio dos CL registra de forma densa a aproximação, a partir de uma cultura visual, com os contextos e identidades dos surdos. Essa e outras obras não devem ser tratadas como gênero educativo, mas como gênero literário que é compreendido pelo poder da simbolização textual, pela atribuição de sentidos e prazer ao serem explanadas. As representações de ideias de formato simbólico que acontecem por meio dos CL podem ser visualizadas pelas crianças com surdez por meio *DVD's* e/ou em livros que tragam os CL explícitos. Outra maneira interessante é o professor realizar as Contações ao

vivo, proporcionar o (re)contar às crianças e assim estimular o prazer pela leitura que envolve, fascina, mas também permite um (re)criar de possibilidades e experiências.

Figura 4. Exemplo de Estória com a presença dos CL.



(HONORA e LOPES, p. 03, 2010)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de arremate gostaríamos de evidenciar os trabalhos, estudos e pesquisas munidos por ideais de (re)pensar as nossas práticas, posturas, olhares e o outro. Todo educador depara-se no seu percurso didático e pedagógico com situações conflituosas e desafiadoras.

Pensando num processo de tempo os alunos ouvintes tiveram e têm bem mais chances e oportunidades de terem o ensino e a aprendizagem voltados e permeados em seus contextos, linguagens, vivências. E os alunos surdos? Ficaram a mercê de uma sociedade que preferia ignorar a realidade a transformá-la, talvez por comodismo ou mesmo preconceito, muitas vezes velado.

Felizmente, percebemos que esse triste recorte da trajetória histórica dos surdos vem ocupando outros ares, outras vertentes, outros mundos e mentalidades mais justas e abertas.

Nesse trabalho de conclusão de curso pela PARFOR em parceria com a UEPB podemos garimpar o que há de mais genuíno, mantenedor de posturas éticas e essencialmente humano: a Ideologia do Encontro. Não apenas o encontro físico, mas o encontro que anseia e perpassa a busca, a transformação, o mover, a superação, a pesquisa trilhados para àqueles que mesmo sem oralizar “gritavam” por oportunidades, direitos e garantias respeitados. A Funcionalidade dos Classificadores (CL) nas Contações de Estórias em LIBRAS relança esse olhar da Ideologia do Encontro. Foi tecido a muitos estudos, sonhos, parcerias e desejo profundo por melhorias e contribuição social, cultural e humana.

Ao refletirmos sobre quais caminhos facilitaríamos o maior entendimento acerca de como se trabalhar com a Literatura para as crianças surdas através das Contações de Estórias pensamos em reforçar o caráter essencial dos CL e assim dialogar e evidenciá-lo nesse estudo, além de acoplar questões sociais, históricas, culturais e identitárias dos surdos. Por fim, nossos baixios ideológicos enquanto pedagogos pensantes estão encharcados das mais ricas possibilidades e sonhos de agir no social, na diversidade com ações concretas, organizadas, éticas e humanas.

Instigar outros a sonhar conosco é o que nos move!

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. **Ministério da Educação**. Brasília, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Duas cidades, Ed.34, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, Análise e Didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORACINI, M. J. **A Celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.
- HONORAS, Márcia e LOPES, Mary. **O Patinho Feio**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.
- ISER, W. **O Fictício e o Imaginário**: Perspectivas de uma Antropologia Literária. Trad. JohannesKretschmer. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.
- KARNOPP, Lodenir e HESSEL, Carolina. **Metodologia da Literatura Surda**, Dissertação. UFSC, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsin oEmLiteraturaVisual/assets/622/TextoBase_MLS_2011.pdf _acesso em 18/02/2013
- REILY, L. H. **Escola inclusiva**: linguagem e mediação. Campinas: Papyrus, 2008.
- _____. **As imagens**: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos, in: SILVA, I.; KAUCHAKJE, S. Z. (org.) Cidadania, surdez e linguagem. São Paulo: Plexus, 2003.
- ROSA, F.; KARNOPP, L. **OPatinho Surdo**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.
- SILVA, A.C.P. **A importância da literatura na formação do imaginário do sujeito surdo**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-literatura-na-formacao-do-imaginario-do-sujeito-surdo/85527/>>. Acesso em: 27 de Abril de 2013.
- SKLIAR, Carlos. **Educação e exclusão**: abordagem socioantropológica em educação especial, p.141. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- SOBRAL, A. **Dizer o mesmo a outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: SBS Editora, 2008
- TERZI, S., B. **A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados**. In: KLEIMAN, A. (Org.) Os significados do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

VIEIRA, Niclândia B. **Língua Brasileira de Sinais**. Disponível em <http://guarulibras.blogspot.com.br/p/classificador.html>. Acesso em 20 de jun de 2014.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do Silêncio**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2004.

VYGOTSKY, L. S. Interação entre aprendizado e desenvolvimento. In: _____ **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.89-103.

_____ Internalização das funções psicológicas superiores. In: _____ **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 59 - 65.

ANEXO

O Patinho Surdo

Fabiano Rosa
Lodenir Karnopp

Em uma linda manhã, um bando de patos migrou para a Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. No bando, havia um casal surdo. O pato e a pata namoravam muito na Lagoa dos Patos. Resolveram preparar um ninho para a pata botar os ovos. A pata, então, botou os ovos, e o casal ficou feliz com o ninho cheio, cuidando para que nenhum predador chegasse perto. Certo dia, a pata foi passear pela lagoa... De repente, ela começou a sentir cólicas e resolveu voltar para casa, mas, infelizmente, não conseguiu chegar até seu ninho. Desesperada, ela procurou um outro ninho. Resolveu sentar naquele ninho desconhecido e botar ali um ovo, aliviando assim suas dores. A pata não sabia, mas aquele ninho pertencia a um cisne ouvinte. A pata estava desesperada e, em prantos, gritava em sinais: “Perdi um ovo!” A mãe cisne voltou para seu ninho e esperou o tempo passar.

Um belo dia, os ovos começaram a quebrar, e os filhotes começaram a nascer. O primeiro cisne, saindo do ovo, falou: “Oi!” Os outros cisnes também disseram: “Oi!”, “Oi!”, “Oi!”... Mas ainda estava faltando um ovo... Após algum tempo, nasceu o patinho surdo, e os cisnes ficaram olhando para ele. A mamãe cisne falou: “Oi! Bem-vindo à lagoa!” Mas o patinho surdo nada respondeu.

A mamãe insistiu: “Oi!” Mas ele continuava sem falar! O casal ficou apreensivo! O patinho então sinalizou: “Oi, mamãe! Oi, papai!” Os cisnes ficaram assustados! Pai cisne estava desconfiado, pois aquele filho tinha cores diferentes, não falava, mas fazia sinais! Ficou em silêncio e saiu dali pensativo! Mãe cisne mandou os filhotes passearem pela lagoa à procura de comida. Os dias foram passando, e os pais ensinavam os filhotes a cantar.

Mas patinho surdo não cantava, e por isso resolveu passear sozinho pela lagoa. Sozinho, ele questionava: “Por que sou tão diferente dos meus irmãos? Eu acho que não sou daquela família!” Ele se aproximou e sinalizou: “Oi!” Os patinhos responderam: “Oi!” Começou a observar que eles tinham o seu jeito, as suas cores, o mesmo bico, o mesmo olhar!

Aos poucos, o patinho surdo começou a aprender a Língua de Sinais da Lagoa (LSL). O patinho voltou para sua casa. Durante aquela noite, só pensava: “A gente consegue se comunicar! Eles parecem meus irmãos, minha família!” No outro dia, o patinho saiu

novamente para nadar. Foi ao encontro dos amigos e começou a fazer alguns sinais: “Oi! Tudo bem?” Eles responderam: “Oi! Tudo bem! Estamos felizes em reencontrá-lo!”

A pata pediu que todos olhassem para ela, porque queria contar um segredo. Ela sinalizou: “Você é meu filho, e esses são seus irmãos! A história é essa: você nasceu em outro ninho... Quá, quá, quá...Quá, quá, quá...” O Patinho surdo ficou espantado com a história, mas a mãe consolou: “Fique calmo, vamos logo conversar com tua mãe cisne. Vou explicar tudinho a ela”. Contrataram o sapo intérprete e foram todos até o ninho dos cisnes. Chegando lá, uma longa conversa aconteceu, e todos entenderam o que havia acontecido. O patinho surdo estava feliz em conhecer sua família e a Língua de Sinais da Lagoa! E assim, na Lagoa dos Patos, patos e cisnes viveram felizes!